

## O perigo da “normalidade”: o caso Eichmann

Daniel Pereira Andrade – UNESP, Rio Claro

### RESUMO

A partir do relato de Hannah Arendt sobre o caso Eichmann, discutimos o que é a normalidade, como ela favorece o surgimento do totalitarismo e, sobretudo, as atrocidades que ela é capaz de realizar sob as condições de um regime totalitário.

Palavras-chave: Normalidade. Totalitarismo. Biografia. Eichmann. Hannah Arendt.

### ABSTRACT

Discussing the Eichmann's case related by Hannah Arendt, we expose what is normality, how it promotes the totalitarianism's emergence and, above all, the atrocities that normal people can do under the totalitarianism's conditions.

Keywords: Normality. Totalitarianism. Biography. Eichmann. Hannah Arendt.

### EICHMANN

“Os homens normais não sabem que tudo é possível” (ARENDR, 1989, p. 87). Com esta frase de David Rousset, Hannah Arendt aponta para a incredulidade que as “pessoas normais do mundo normal” experimentam diante das monstruosidades realizadas pelos regimes totalitários. Os crimes de massa perpetrados pelos nazistas durante a Segunda Guerra pareciam irrealis e muitos se recusaram a crer neles. Mas tais crimes de fato ocorreram. E, para que algo de tamanha proporção se realizasse, foi preciso a eficiente participação de uma gigantesca burocracia que dispunha dos recursos do Estado. Funcionários dedicados, cumpridores de seus deveres: foram estes homens que se converteram nos autores de um dos maiores crimes da história da humanidade. O que quer dizer que pessoas igualmente “normais”, e não monstros, foram responsáveis por estes tristes acontecimentos.

Talvez este aspecto contribua largamente para a incredulidade: é demasiado assustador conceber que outro homem, tão normal quanto si próprio, seja capaz de cometer tais atrocidades. Isto abriria a possibilidade de que, se expostos às circunstâncias da experiência totalitária, muitos que não são nem sádicos nem perversos agiriam ou poderão agir do mesmo modo. Pois, quando os regimes totalitários ultrapassaram este abismo do “possível”, eles deixaram para sempre como uma potencialidade esta transformação do caráter.

A transformação de caráter levada a cabo pelo domínio total não se deu somente sobre os carrascos, mas também sobre suas vítimas, a tal ponto que ambos se confundiram. Mas apenas indiretamente nos interessará aqui a destruição da pessoa jurídica, moral e individual dos judeus, sua marcha submissa para a morte ou sua conversão em assassinos de seu próprio povo. Nossa preocupação será com a transformação do homem mediano em um assassino de massas. Mais especificamente, com o caso de Otto Adolf Eichmann.

Eichmann foi um funcionário do governo alemão durante o governo de Hitler, e que, em função disto, acabou tendo uma participação importante na “Solução Final” da questão judaica. Capturado em um subúrbio de Buenos Aires em 1960, foi conduzido a Israel e levado a julgamento na Corte Distrital de Jerusalém. Seu julgamento foi cuidadosamente acompanhado por Arendt (1999), que acabou relatando-o em um livro. Mas o relato acaba recaindo inevitavelmente sobre a pessoa do acusado, “um homem de carne e osso com uma história individual, com um conjunto sempre único de qualidades, peculiaridades, padrões de comportamento e circunstâncias” (ARENDDT, 1999, p. 309). Portanto, podemos dizer que este texto se aproxima muito de uma biografia<sup>1</sup>. Poderia assim se juntar a outras biografias escritas por Arendt (1987) e publicadas em *Homens em tempos sombrios*.

Entretanto, há diferenças consideráveis entre os dois livros. Ainda que ambos se refiram basicamente a pessoas – “como viveram suas vidas, como se moveram no mundo e como foram afetadas pelo tempo histórico” (ARENDDT, 1987, p. 7) – e que tais pessoas partilharam entre si a mesma época (o mundo da primeira metade do século XX), as semelhanças terminam por aí. Pois as vidas relatadas em *Homens em tempos sombrios* não são de maneira nenhuma representantes de sua época, nem porta-vozes do *Zeitgeist* ou expoentes da História. São vidas exemplares que, devido à sua ação no mundo, mereceram

1 Foucault (1999) descreve como que a partir do séc. XIX os procedimentos biográficos são incluídos nos procedimentos jurídicos. Se até então questionava-se apenas se o culpado havia realmente feito aquilo de que se lhe acusava, a partir de então passa-se a perguntar quem é o indivíduo que cometeu o crime. Cria-se assim a figura do delinqüente, em contraposição ao indivíduo normal. É interessante notar, porém, que Eichmann é considerado “normal” pelos peritos psiquiátricos que o examinam.

ter suas histórias contadas. É através da ação que estes sujeitos puderam se desvendar e demonstrar toda sua singularidade. E, ainda que a autora não se disponha a julgar estas pessoas, ela de qualquer forma já as julgou dignas de serem transpostas do círculo limitado e privado da memória para o mais amplo dos leitores.

Já o relato do caso Eichmann parece ser bem diferente. Mesmo que não se deva tomá-lo como um símbolo do povo alemão, ou do anti-semitismo, ou ainda do conjunto da história moderna ou da humanidade em geral, o que chama atenção neste indivíduo particular é justamente seus traços medianos. “O problema com Eichmann era exatamente que muitos eram como ele, e muitos não eram nem pervertidos, nem sádicos, mas eram e são assustadoramente normais” (ARENDR, 1999, p. 299). E, dentre estes traços medianos, um salta aos olhos: a incapacidade de agir. Talvez nada seja mais característico e mais comum na Alemanha nazista do que esta falta de iniciativa e inabilidade para o discurso. Portanto, o poder de iluminação e o significado público que a vida de Eichmann pode oferecer são completamente diferentes dos de Lessing, Jaspers, Benjamin, Brecht, Heidegger e outros. É em sua “normalidade” que devemos buscar uma lição.

#### UMHOMEMNORMAL

Durante todo o julgamento de Jerusalém, a acusação procurou demonstrar que Eichmann era um monstro. Um homem sádico e pervertido, que procurava distorcer os fatos através de mentiras, ou ainda, evitar a confissão de seus feitos por meio de uma dissimulada falta de memória ou de conversas vazias. Mas isto não parecia condizer com a verdade. Eichmann nitidamente não era muito “esperto”. Parecia mesmo possuir uma inteligência pouco privilegiada (ainda que isto não deva servir de desculpa para suas atitudes). Além disso, estava disposto a fazer o que lhe ordenavam e ficava muito entusiasmado com a idéia de se tornar “o acusado mais cooperativo de todos os tempos” (ARENDR, 1999, p. 40). De fato, diversas foram as demonstrações de que não estava mentindo e de que, a despeito de sua péssima memória, se esforçava para contar tudo o que sabia.

O pensamento de que Eichmann dissimulava e faltava com a verdade, compartilhado pelos promotores, advogado e juizes, acabou encobrindo o maior desafio moral e legal do processo. Esse desafio baseava-se principalmente no fato do acusado não apenas não estar mentindo, mas também de que ele cometera os crimes que assumira e, por fim, de que era normal. Talvez se tivessem escutado sua “conversa vazia” com maior atenção, poderiam ter perscrutado mais a fundo o problema real e novo que se apresentava.

Eichmann se declarava inocente, mas, como dizia insistentemente, apenas no “sentido da acusação”. “Inocente no sentido da acusação”: com estas palavras ele procurou, durante todo o processo, dizer que não era “um bastardo imundo” (ARENDR, 1999, p. 36). Os promotores afirmavam que Eichmann não só agira conscientemente, coisa que ele não negava, como também agira por motivos baixos e plenamente consciente da natureza criminosa de seus feitos. Por sua vez, Eichmann respondia que jamais havia matado ou mandado matar um judeu ou qualquer outro ser humano. Apenas cumprira ordens de seus superiores e, deste modo, só poderia ser acusado de “ajudar e assistir” à aniquilação dos judeus – que, segundo suas próprias palavras, foi “um dos maiores crimes da história da Humanidade” (ARENDR, 1999, p. 33-34). Contrariando a acusação, os fatos parecem confirmar as palavras do acusado. O que certamente não o tornava inocente, a não ser “no sentido da acusação”.

Os psiquiatras que o examinaram também entenderam que Eichmann não possuía uma personalidade criminosa. Segundo a opinião dos peritos, ele era *normal*. Mais do que isso, chegaram a declarar que suas atitudes quanto a esposa e filhos, mãe e pai, irmãos, irmãs e amigos eram “inteiramente desejáveis”. E, por fim, um sacerdote que o visitou regularmente na prisão afirmou que Eichmann era “um homem de idéias muito positivas” (ARENDR, 1999, p.37). Certamente este não era um caso de sanidade moral ou legal. Tampouco era um caso de ódio insano aos judeus, de um fanático anti-semitismo ou de doutrinação de um ou outro tipo. Eichmann afirmou diversas vezes, e existem fatos que o comprovam, que pessoalmente ele não tinha razões para ir contra os judeus.

O que acabou por confundir a todos foi a impossibilidade de admitir que uma pessoa mediana, “normal”, nem burra, nem doutrinada, nem cínica, fosse inteiramente incapaz de distinguir o certo do errado. Elas não compreendiam o que poderia fazer um homem comum, que não podia sequer ver uma ferida aberta, superar sua repugnância inata pelo crime. Afinal de contas, como uma pessoa normal pode ser, ao mesmo tempo, um partícipe de atrocidades inauditas?

O que elas deixaram de perceber, e que era a chave para o mistério deste homem e de muitos outros iguais a ele, é que Eichmann era efetivamente normal na medida em que “não era uma exceção dentro do regime nazista” (ARENDR, 1999, p. 38). Pois, ao contrário das “pessoas normais do mundo normal”, nas condições do Terceiro Reich, só se podia esperar que as “exceções” agissem “normalmente”.

Cabe, então, questionar esta normalidade de Eichmann e as condições com as quais ela se defrontou na Alemanha de Hitler.

## UM HOMEM FRACASSADO

Fazendo um comentário sobre seus pais, Eichmann certa vez afirmou:

Eles não teriam se enchido de alegria com a chegada de seu primogênito se fossem capazes de ver que, na hora de meu nascimento, para provocar o gênio da felicidade, o gênio da infelicidade já estava tecendo os fios de dor e tristeza em minha vida. Porém um véu suave e impenetrável impedia meus pais de enxergar o futuro (ARENDDT, 1999, p. 39).

De fato, a infelicidade de Eichmann começou cedo e se estendeu por toda vida. Ele foi o único de seus quatro irmãos que não conseguiu terminar a escola secundária. Tampouco concluiu o curso vocacional para engenharia. Como não era um dos alunos mais estudiosos nem dos mais dotados, seu pai o tirou da escola antes da formatura e o colocou para trabalhar como um mineiro comum em sua pequena empresa. Logo após, foi trabalhar no departamento de vendas da Companhia Oberösterreichischer Elektrobau. Como não possuía nenhuma perspectiva de carreira, conseguiu, por intermédio de um “tio”, um cargo de vendedor viajante na Companhia de Óleo a Vácuo de Viena. Trabalhou cinco anos e meio nesta empresa, os quais devem ter sido os mais felizes de sua vida: ele ganhava bem em uma época de severo desemprego e ainda morava com os pais. Mas já no final de 1932, seu idílio começava a terminar: fora transferido de Linz para Salzburg, muito contra sua vontade. Com isto, perdeu toda alegria em seu trabalho, deixando de gostar de vender e fazer visitas. Um pouco mais tarde era despedido.

Ainda em 1932, Eichmann se filiou ao Partido Social-Nacionalista e entrou para a SS, a convite de um conhecido (Ernst Kaltenbrunner). Mas não entrou por convicção, nem jamais se deixou convencer por ele. Não tinha tempo nem vontade de se informar adequadamente, jamais conheceu o programa do Partido e nunca leu o *Mein Kampf*. De fato, como “uma folha no redemoinho do tempo” (ARENDDT, 1999, p. 44), ele foi soprado para as colunas do Terceiro Reich, que duraram doze anos e três meses. Em suas próprias palavras: “foi como ser engolido pelo Partido contra todas as expectativas e sem decisão prévia. Aconteceu muito depressa e repentinamente” (ARENDDT, 1999, p. 45).

Porém, como bem observa Hannah Arendt, isto não era tudo. Eichmann era um jovem ambicioso, e não suportava mais a vida rotineira, sem significado e conseqüência que até então levava. Foi quando o vento o soprou para a História, para um Movimento sempre em marcha. Para Eichmann, um filho *déclassé* de uma sólida família de classe média, fracassado aos olhos de sua classe social, de sua família e, portanto, de si próprio, aquela se apresentava como uma chance de começar de novo e de construir uma carreira. E, apesar de todas as desventuras e desconfiças que experimentou em sua nova

jornada, sempre soube qual era a alternativa: mesmo no tribunal de Jerusalém teria ainda preferido ser enforcado como *Obersturmbannführer* (tenente-coronel) da reserva da SS do que viver a vida discreta e normal de um vendedor viajante.

Mas, mesmo em seu fracasso pessoal e na compreensão egocêntrica de sua miséria, Eichmann era um homem mediano. Nascido em 1906, ele pertenceu à segunda das três gerações perdidas do início do século. Esta era a geração que “aprendera, com as lições marcantes da inflação, do desemprego em massa e da inquietação revolucionária, a instabilidade de tudo o que fica intacto na Europa após mais de quatro anos de morticínio” (ARENDDT, 1987, p. 187). Fazia parte, portanto, da massa de homens desesperados e insatisfeitos que aumentou rapidamente na Alemanha e na Áustria após a Primeira Guerra Mundial. Como tal, compartilhava com os demais a psiquê do *homem de massa*. Era comum então que, a despeito de um grande número de indivíduos serem tocados pelo mesmo destino monotonamente uniforme, cada um julgasse a si próprio em termos de fracasso individual e criticasse o mundo em termos de injustiça específica. Essa amargura egocêntrica, embora constantemente repetida no isolamento individual e apesar de sua tendência niveladora, não chegaria a constituir laço comum, porque não se baseava em qualquer interesse coletivo, fosse econômico, social ou político.

Esses laços se romperam devido ao colapso da sociedade de classes e do sistema partidário que a representava. Mesmo que no sistema de classes não fosse exigida uma participação efetiva de cada indivíduo nas questões públicas, e mesmo que a maioria de seus membros não se sentisse individual e pessoalmente responsável pelo governo, ainda assim existia toda uma urdidura de fios visíveis e invisíveis que ligavam o povo à estrutura política. Tratava-se de um interesse comum de cada classe e de uma articulação que se expressava em objetivos determinados, limitados e atingíveis. Havia, deste modo, obrigações grupais restritas e certas atitudes tradicionais em relação ao governo.

O fim do sistema de classes liberou uma massa desorganizada e desestruturada de indivíduos indiferentes em relação aos negócios públicos e politicamente neutros, porém furiosos. Eles nada tinham em comum a não ser uma vaga noção de que as esperanças partidárias eram vãs (independentemente da antiga classe a que pertenciam) e uma repulsa aos seus mais respeitados membros e às autoridades constituídas.

Como no caso de Eichmann, foram estas pessoas insatisfeitas e politicamente indiferentes que o Partido Social-Nacionalista recrutou. Pessoas atomizadas e individualizadas ao extremo, que provi-nham de um mundo competitivo onde o único fator compensador era o pertencimento a uma classe. Pessoas que tinham consciência de sua desimportância e de sua dispensabilidade, e que, em função disto, possuíam um fraco instinto de auto-conservação (ARENDDT, 1989).

De fato, a expressão da frustração de Eichmann não era apenas um problema individual, mas um fenômeno de massa. O mesmo pode ser dito em relação à sua indiferença política e sua filiação aos quadros do partido. E é possível também compreender nestes termos sua dedicação ao trabalho numa época em que a derrota da Alemanha já era previsível – o que lhe acarretaria muito provavelmente a morte.

Quanto a este último aspecto, causa certa perplexidade notar sua perda radical de interesse em relação a si próprio, esta indiferença cínica e enfasiada diante da morte. Pois, até seus últimos dias, Eichmann sempre fora extremamente dedicado à sua carreira pessoal – o que parecia denunciar uma grande preocupação por si e seus negócios privados.

#### UM CIDADÃO CUMPRIDOR DE SEUS DEVERES

Eichmann possuía uma extraordinária aplicação em obter progressos pessoais. E por algum tempo ele os conseguiu. Foi durante o período que esteve em Viena, de 1937 a 1941. Porém, para seu desespero, quando atingiu o cargo de *Obersturmbannführer* (o equivalente a tenente-coronel), ele “encalhou”. Isto representava um verdadeiro pesadelo para Eichmann, que, sempre que podia, procurava justificar sua estagnação. A carreira era o que ele tinha de mais precioso. Como bem nota Arendt (1999, p. 63), quando se pronunciava as palavras “SS”, “carreira” e “Himmler”, um mecanismo que se tornara completamente inalterável se detonava neste homem. Ele colocava tudo o mais de lado e não se preocupava com qualquer outra coisa. Caso notório era sua memória. Os únicos episódios dos quais Eichmann se lembrava bastante bem eram os momentos importantes de sua carreira. Já com relação aos acontecimentos históricos decisivos, mesmo quando havia participado ativamente deles (como era o caso do extermínio dos judeus), sua memória era extremamente falha.

Eichmann justificava esta aplicação reivindicando uma relação interna com seu trabalho. Ele não recebia seus encargos “com a apatia de um boi sendo levado para o curral”. Diferentemente de seus colegas, que “não passavam de burros de carga” (ARENDETT, 1999, p.70), ele julgava-se um “idealista”.

Um ‘idealista’, segundo as noções de Eichmann, não era simplesmente um homem que acreditava numa ‘idéia’ ou alguém que não roubava ou não aceitava subornos, embora essas qualificações fossem indispensáveis. Um ‘idealista’ era um homem que *vivia* para a sua idéia – portanto não podia ser um homem de negócios – e que por essa idéia estaria disposto a sacrificar tudo e, principalmente, todos (p. 54).

Além disso, um “idealista” jamais permitiria que sentimentos e emoções pessoais interferissem em suas ações, se entrassem em conflito com sua “idéia”. Foi neste contexto que Eichmann fez a triste colocação de que seria capaz de matar seu próprio pai, caso lhe fosse exigido. Não queria com isso afirmar o quanto estava disposto a obedecer ou cumprir ordens, mas o quanto era “idealista”.

Mas, afinal de contas, qual era a “idéia” à qual Eichmann se dedicava? Era a lei, encarnada na vontade do Führer. Assim, não apenas obedecia cadavericamente às ordens e às leis. Ele também as cumpria o melhor que podia. Isto ficou nítido quando afirmou ter vivido toda sua vida de acordo com os princípios morais de Kant. Durante os período de crime legalizado pelo Estado, porém, Eichmann distorceu sua parcialmente correta interpretação do categórico kantiano (“O que eu quis dizer com minha menção a Kant foi que o princípio de minha vontade deve ser sempre tal que possa se transformar no princípio de leis gerais”), transformando-a em um “imperativo categórico do Terceiro Reich”: “Aja de tal modo que o Führer, se soubesse de sua atitude, a aprove”. Nessa sua versão de Kant “para uso doméstico do homem comum”, restou a exigência de que o homem faça mais do que simplesmente obedecer, que vá além do mero chamado da obediência e identifique sua própria vontade com o princípio que está por trás da lei – a fonte de onde ela brotou (ARENDDT, 1999, p. 153-154). Como Eichmann acertadamente notou, na Alemanha Nazista, “as palavras do Führer tinham força de lei” (ARENDDT, 1999, p. 165). Daí, e não apenas de sua extrema admiração por Hitler, sua lealdade incondicional ao líder nazista.

Mas tal lealdade era menos uma característica pessoal de Eichmann do que uma exigência do movimento totalitário. Para transformar seus indivíduos atomizados e isolados em uma organização maciça, os movimentos precisam de uma lealdade total, irrestrita, incondicional e inalterável de cada um dos seus membros. Essa exigência é feita pelo líder, e não possui nenhum conteúdo concreto, o que poderia dar azas à mudança de opinião. Ela (a exigência do líder) é feita mesmo antes dele tomar o poder e decorre da alegação, já contida em sua ideologia, de que a organização abrangerá, no devido tempo, toda a raça humana. A lealdade total é a base psicológica do domínio total. Ela só pode ser esperada de “seres humanos completamente isolados que, desprovidos de outros laços sociais – de família, amizade, camaradagem – só adquirem sentido de terem lugar neste mundo quando participam de um movimento, pertencem ao partido” (ARENDDT, 1989, p. 373). Ainda que Eichmann tivesse família e amigos, ele era um típico “filisteu”: um burguês isolado da sua própria classe, um indivíduo atomizado produzido pelo colapso da própria classe burguesa. Era, portanto, o último e já degenerado produto de uma sociedade moribunda. Daí sua sincera devoção a questões familiares e de carreira pessoal, seu isolamento na vida privada. Assim como Eichmann, os homens recrutados para cometerem os maiores crimes de massa jamais cometidos na história foram esses *homens de massa com os traços do filisteu*: “era um burguês que, em meio às ruínas de seu mundo, cuidava mais da própria segurança, estava pronto a sacrificar



tudo a qualquer momento – crença, honra, dignidade”. Segundo Arendt (1999, p. 388), “nada foi tão fácil de destruir quanto a privacidade e a moralidade pessoal de homens que só pensavam em salvaguardar as suas vidas privadas”.

Portanto, mais uma vez encontramos um traço característico do homem de massa sob uma qualidade de Eichmann. O sistema totalitário não suporta qualquer iniciativa pessoal, nem mesmo as de apoio. Assim, a lealdade de Eichmann, na verdade, é a lealdade imposta pelo regime. Com isto, sua dedicação à carreira não é de modo algum incompatível à sua renúncia de si diante da morte. Ainda que Eichmann não tivesse clareza total, sabia que sua promoção dependia totalmente de sua lealdade ao Führer. Mas isto não se devia apenas ao seu desempenho profissional. No regime nazista, assim como no comunismo soviético, por diversas vezes o acesso a uma posição de prestígio dependia exclusivamente da arbitrariedade da escolha do Líder. Isto tornava o beneficiário ainda mais dependente e garantia uma lealdade ainda maior. Mas, por outro lado, não se tinha nenhuma garantia de permanência. Esse era o preço de alguns anos no topo. No regime soviético, o preço era a vida, já que cada vez que se perdia o cargo devido a um expurgo, os fuzis entravam imediatamente em ação. No caso de Eichmann, algo não muito diferente se passou. Para gozar de alguns anos de carreira e importância, ele sacrificou a própria vida, expondo-se ao enforcamento por ser partícipe dos crimes de Estado. E se sobrar alguma dúvida quanto a este sacrifício, basta lembrar que ele jamais fez qualquer coisa para se esconder da polícia secreta de Israel. Pelo contrário, fez de tudo para que fosse descoberto e capturado. Esta foi a única maneira que encontrou de sair do insuportável anonimato em que se recolheu no pós-guerra e de voltar a ter algum prestígio. Mesmo que isso o conduzisse inevitavelmente à força. Para se submeter a um destino destes, não é preciso dizer o quanto um sentimento de desimportância e dispensabilidade já havia sido incorporado, o quanto o instinto de auto-conservação já havia se enfraquecido. Eichmann enraizara os sentimentos da massa. Com isto, o carrasco se confundia com a vítima.

Mas, embora se possa entender por que Eichmann cumpria tão eficientemente suas ordens, nem tudo ainda estava respondido. Pois as ordens que cumprira, e das quais tinha conhecimento, eram ordens de enviar milhões de pessoas para campos de extermínio. Pode um homem “normal” fazê-lo impunemente diante de sua consciência? Ou, segundo a pergunta de um dos juizes de Jerusalém e que estava na cabeça de todos os que acompanhavam o julgamento: “o acusado tinha consciência?” (ARENDR, 1999, p. 111).

## UM HOMEM DE CONSCIÊNCIA

“Sim, ele [Eichmann] tinha consciência e sua consciência funcionou de maneira adequada durante quatro semanas, quando então passou a funcionar às avessas” (ARENDDT, 1999, p. 111). Essa foi a resposta a que Hannah Arendt chegou. O episódio que lançou uma luz sobre a questão ocorreu em torno de junho-setembro de 1941. Foi logo após Eichmann ser informado da “Solução Final” da questão judaica. Ao visitar alguns campos de extermínio, ele presenciou o massacre de judeus tanto através do uso de gás, como do fuzilamento. Ficou estarecido com os horrores do que viu. Não se julgava forte o bastante para suportar aquelas monstruosidades. Se colocou no lugar dos judeus e considerou que estavam transformando os jovens alemães em sádicos. “Nosso povo tinha enlouquecido ou se alienado, nosso próprio povo” (ARENDDT, 1999, p. 102-104).

O pouco que viu, pois Eichmann não viu tudo, já foi suficiente para afetá-lo. Em setembro do mesmo ano, atormentado por pesadelos e noites sem dormir, foi incapaz de mandar um carregamento de 20 mil judeus e 5 mil ciganos para os campos de Rinsk e de Minsk, onde seriam fuzilados imediatamente. Desobedecendo às ordens, acabou desviando-os para o campo de Lódz, local ainda sem preparação para o extermínio em massa. Foi certamente a primeira e única vez que tomou uma iniciativa contrária não só às ordens recebidas, mas à própria vontade do Führer. Este foi também o único caso em que realmente havia tentado salvar judeus.

Três semanas depois do ocorrido, ele já estava cumprindo suas ordens o melhor que podia e mandando milhares de judeus para os locais de onde jamais sairiam. O que foi capaz de fazer este homem romper sua repugnância pelo crime? Hannah Arendt sugere alguns motivos. Primeiro, os nazistas tinham seus métodos para lidar com estas questões de consciência. Himmler era um dos mais dotados membros da hierarquia nazista para tais questões. Ele cunhava diversos *slogans* que tinham por fim dar a entender a estes homens transformados em assassinos que estavam envolvidos em algo histórico, grandioso, único, o que, portanto, devia ser difícil de agüentar. Isso era importante, pois os assassinos não eram sádicos ou criminosos por natureza (estes haviam sido afastados). De fato, o problema não era tanto o de superar a consciência, mas a piedade animal que afeta todo homem normal diante do sofrimento físico. O truque de Himmler era simples e eficiente: consistia em inverter a direção desses instintos, fazendo com que apontassem para o próprio indivíduo. “Assim, em vez de dizer: ‘Que coisas horríveis eu fiz com as pessoas!’, os assassinos poderiam dizer: ‘Que coisas horríveis eu tive de ver na execução de meus deveres, como essa tarefa pesa sobre os meus ombros!’” (ARENDDT, 1999, p. 122).

Contudo, este não era o caso de Eichmann, que quase não se lembrava das frases de Himmler. Outros métodos parecem ter agido sobre ele. Caso evidente é o simples fato da guerra. Onde se vê mortos

por toda parte e onde todo mundo encara a morte, inclusive a sua própria, com indiferença, torna-se mais fácil matar. Ainda mais quando, numa atmosfera de morte violenta, propõe-se uma solução “misericordiosa”, sem sofrimentos, para a eliminação das pessoas. Esta foi uma das grandes táticas da “Solução Final” para obscurecer as consciências: o “programa de eutanásia” através das câmaras de gás. Porém, a “Solução Final” dos judeus nada tinha a ver com a guerra, e sim com uma política racista, a qual deveria prosseguir caso os alemães fossem vitoriosos.

Outro método empregado pelos nazistas foi as “regras de linguagem”. Elas impunham termos codificados para se tratar dos crimes a serem cometidos. Todas as correspondências e documentos, assim como toda aparência para o mundo exterior estavam sujeitos a estas regras. A linguagem franca e aberta só era permitida entre os poucos que sabiam o significado real das expressões. Mas mesmo estes evitavam utilizá-la, sobretudo quando estavam na presença de seu pessoal burocrático subordinado. As regras de linguagem se mostraram de enorme valia na manutenção da ordem e do equilíbrio entre os serviços imensamente diversificados cuja cooperação era indispensável nessa questão. O próprio termo “regras de linguagem” já era um código para designar o que em linguagem comum seria chamado de “mentira”. O efeito direto desse sistema não era deixar as pessoas ignorantes do que estavam fazendo, “mas impedi-las de equacionar isso com seu antigo e ‘normal’ conhecimento do que era assassinato e mentira” (ARENDDT, 1999, p. 101). De fato, um dos mais eficientes códigos, ou seja, um dos que melhor enganou e camuflou seu conteúdo na mentalidade dos assassinos, foi a designação de “dar uma morte misericordiosa” em substituição a “assassinato”. Eichmann, que era especialmente dotado para palavras-chave e frases de efeito, foi um dos que enraizou profundamente este engodo, a ponto de não compreender que a morte sem sofrimento não deixava de ser uma morte cínica infringida a inocentes.

No entanto, na memória de Eichmann (sempre relacionada apenas com os episódios decisivos de sua carreira), o fato determinante para sua mudança de consciência se deu na Conferência de Wannsee. Nesta conferência, Hitler reuniu membros importantes do aparelho estatal do Reich para solicitar a cooperação dos diversos Ministérios na “Solução Final”. Apesar de serem esperadas uma série de dificuldades, sua aceitação foi unânime e entusiasmada por parte de todos os presentes. Esta sem dúvida era uma ocasião importante para Eichmann: ele nunca havia tido contato com tantos “altos personagens” em sua vida. E, se ainda tinha alguma dúvida quanto a uma solução sangrenta por meio da violência, essas dúvidas agora haviam sido dissipadas. “Ali, naquela conferência, as pessoas mais importantes do Reich tinham falado, os papas do Terceiro Reich [...] Naquele momento, eu tive uma espécie de sensação de Pôncio Pilatos, pois me senti livre de toda culpa” (ARENDDT, 1999, p. 130). Diante da disputa entre os altos membros do Partido, da SS e do serviço público pela honra de assumir a liderança da “Solução Final”, Eichmann não se sentiu digno de ser um juiz de tal questão, não ousou ter sua própria

opinião sobre o assunto. Como acertadamente comentou Arendt (1999, p. 130): “Bem, ele [Eichmann] não era o primeiro nem o último a ser corrompido pela modéstia”.

É curioso notar, porém, que ainda antes dos terrores da guerra se abaterem sobre a Alemanha, sua intrincada burocracia já funcionava com a mesma impassível precisão. Mesmo no começo, quando ainda poderia haver alguma consciência, foram pouquíssimas as deserções. E no final, quando estas aumentaram, não se deram tanto por misericórdia, mas mais por corrupção, diante da evidente derrota dos nazistas. Neste quadro, a resistência foi praticamente inexistente e nunca baseada na consciência.

Das provas acumuladas só podemos concluir que a consciência enquanto tal parecia ter se perdido na Alemanha, e isso a tal ponto que as pessoas dificilmente se lembravam dela e tinham parado de perceber que o surpreendente ‘novo conjunto de valores alemães’ não tinha seguidores no mundo exterior (ARENDDT, 1999, p. 119).

Ainda que isto não seja toda a verdade (pois, como veremos adiante, existiram indivíduos que desde o começo do regime e sem fraquejar sempre se opuseram a Hitler), Eichmann não estava mentindo quando dizia que o fator mais potente para acalmar a sua consciência foi o simples fato de não ver ninguém, absolutamente ninguém, efetivamente contrário à “Solução Final”<sup>2</sup>.

Até mesmo as vítimas não criaram uma resistência. Era óbvio que elas não nutriam nenhum entusiasmo por sua própria eliminação, mas não apenas foram complacentes como cooperaram nesta tarefa. Em muitos campos de concentração, eram os próprios judeus que operavam os instrumentos de extermínio e até organizavam burocraticamente os massacres. Sem esta “cooperação” dos judeus, sobretudo de seus líderes, acredita-se que o massacre teria sido substancialmente menor.

Deste modo, a cumplicidade se estendia a todos: do povo alemão às vítimas judias. No regime nazista, a bem da verdade, a resistência parecia ser inútil. A condição de mártir não era sequer possível. Pois, para uma morte ganhar sentido, ela precisava de testemunho. Mas como já não havia testemunhas, e como aquele que morria caía em um completo esquecimento<sup>3</sup>, seu ato não poderia possuir qualquer sig-

2 Houve apenas uma única exceção, o dr. Kastner, que lhe pediu que parasse “os moinhos de morte de Auschwitz”, o que Eichmann disse que faria com o maior prazer, mas que estava fora de sua alçada – o que de fato era verdade. Eichmann possuía grande admiração por este homem (ARENDDT, 1999, p. 133).

3 “Os campos de concentração, tornando anônima a própria morte e tornando impossível saber se um prisioneiro está vivo ou morto, roubaram da morte o significado de desfecho de uma vida realizada. Em certo sentido, roubaram a própria morte do

nificação social. Nem mesmo a consciência do homem de que é melhor morrer como vítima do que viver como burocrata do homicídio era capaz de se opor a este ataque contra a pessoa moral. Este ato “suicida”, mas heróico, era esvaziado a partir do momento que seu suicídio implicava a morte de seus próprios familiares e amigos, pois tornar-se-ia um traidor do regime. Nessas condições, a escolha deixava de ser entre o bem e o mal e passava a ser entre matar e matar. “Fazer o bem se torna inteiramente impossível” e os critérios da consciência passam a ser completamente inadequados (ARENDDT, 1989, p.503).

Porém, este não parecia ser bem o caso de Eichmann. Ele chegou a admitir que poderia ter recuado e dado alguma desculpa para se livrar de tal encargo. Isto não lhe acarretaria a morte. No melhor dos casos, o levaria a uma transferência para outro trabalho igualmente bem pago. Mas também poderia conduzi-lo a uma perda de prestígio e muito provavelmente ao fim de sua carreira. Como Eichmann a julgava mais importante que a própria vida, é compreensível que tenha considerado “inadmissível” e também pouco “admirável” recuar diante de sua tarefa. E, ainda que não soubesse o verdadeiro motivo, estava correto ao afirmar que a idéia de desobediência era impensável naquelas circunstâncias, e que ninguém agia assim (ARENDDT, 1999, p. 107).

Logo após a Conferência de Wannsee, Eichmann continuou a cumprir seus deveres o melhor que podia. O gigantesco trabalho de administração e organização, juntamente com as disputas de poder entre os departamentos, passaram a tomar seu tempo. Então, o que para os judeus era o fim do mundo, para ele converteu-se em rotina. Hannah Arendt nota que as massas coordenadas são capazes “de crimes ainda piores que os cometidos pelos chamados criminosos profissionais, contanto que esses crimes fossem bem organizados e assumissem a aparência de tarefas rotineiras” (ARENDDT, 1989, p. 387). Eichmann é uma prova disto.

Como nenhuma voz no mundo exterior se levantou para despertar-lhe a consciência e como viu “o zelo e o empenho com que a ‘boa sociedade’ de todas as partes reagia ao que ele fazia”, ganhou tranqüilidade. Não porque tenha fechado o ouvido para a voz da consciência ou porque não tivesse consciência. Mas porque sua consciência falava agora com “voz respeitável”, com a voz da “boa sociedade” a sua volta (ARENDDT, 1999, p. 143). E o que ela dizia é que ele devia ser um cidadão respeitador das leis e cumpridor de seus deveres. Se a lei era a voz do Führer e se o Führer ordenara a “Solução Final”, então sua consciên-

indivíduo, provando que, doravante, nada – nem a morte – lhe pertencia e que ele não pertencia a ninguém. A morte apenas se lava o fato de que ele jamais havia existido” (ARENDDT, 1989, p. 503).

cia lhe dizia que deveria fazer o máximo para tornar final a “Solução Final”. Seu remorso surgia apenas quando não cumpria o que lhe era ordenado.

Foi assim que sua consciência começou a operar às avessas. O que acabou resultando na sua segunda e última ação espontânea contra as ordens recebidas. Isto se deu quando Himmler, já ante- vendo a derrota e pensando em uma melhor posição nas negociações do pós-guerra, mandou suspender a “Solução Final”. Mas Eichmann entendeu que tal comando ia contra a vontade do Führer, ou seja, era ilegal. Seguindo a voz de sua consciência e mantendo-se fiel a seu juramento de lealdade a Hitler (e não à Alemanha), desobedeceu as ordens e continuou a mandar judeus para o campo de extermínio. Este acontecimento foi muito discutido em Jerusalém. Os juizes, que sabiam que Eichmann não era nem um fanático, nem um louco, não conseguiam entender porque ele desobedeceu estas ordens e permaneceu conduzindo as pessoas para a morte.

A verdade triste e muito incômoda da questão era provavelmente que não o fanatismo, mas sim sua própria consciência é que levara Eichmann a adotar sua atitude inflexível no último ano de guerra, como já o havia levado a se movimentar na direção oposta quatro anos antes. Eichmann sabia que as ordens de Himmler iam diretamente contra a ordem do Führer (ARENDR, 1999, p. 164).

Eichmann percebeu que foi a lei, e não uma ordem, que transformou a todos em criminosos. Pois a palavra de Hitler tinha um valor muito maior que uma simples diretiva. Ele encarnava o princípio do qual a lei brotava. E neste caso a lei ditava à consciência de todos: “Matarás”.

Se o caso da consciência de Eichmann é complicado, ele não foi de modo nenhum único. Pois, como se viu, ele não só tinha consciência como dava ouvidos a ela. Neste sentido, era um homem “normal”. Contudo, a consciência nas circunstâncias do regime totalitário alemão não era a mesma do mundo não-totalitário. De modo que Eichmann, assim como a massa assassina da qual fez parte, cometeu seus crimes em circunstâncias que tornaram praticamente impossível saber ou sentir que estava agindo de modo errado. “[Eichmann] *simplesmente nunca percebeu o que estava fazendo* [...] Foi pura irreflexão – algo de maneira nenhuma idêntico à burrice – que o predispôs a se tornar um dos grandes criminosos de sua época” (ARENDR, 1999, p. 310-311, grifo do autor).

Por que Eichmann nunca refletiu sobre suas atitudes?

## UM HOMEM SOLITÁRIO

A incapacidade de Eichmann de pensar e de confrontar-se com a realidade estava intimamente ligada a sua condição de homem de massa. Pois, nesta nova sociedade que emergiu do colapso do sistema de classes, cada indivíduo encontrou-se atomizado e solitário. Ele já não possuía relações sociais normais<sup>4</sup> nem vínculos que o ligassem ao mundo político. O que lhe restava era o mundo privado, no qual tentava se recolher, e a esfera do social, onde buscava garantir sua sobrevivência. Assim, se já na sociedade de classes não participava nem sentia-se responsável pelos negócios públicos (estando ligado a eles apenas por sua participação no destino comum da classe social a que pertencia), agora ele os abandonou completamente. Ficou privado da perspectiva dos outros e, com isto, privou-se da própria realidade – pois é a pluralidade de perspectivas sobre o mesmo mundo comum que a garante (ARENDR, 2001, p. 67).

Eichmann, como muitos outros, tornou-se um homem isolado. Era isolado porque seus contatos políticos com outros homens estavam cortados. A esfera pública de sua vida, onde ele poderia agir em conjunto para a busca de um interesse comum, estava destruída desde a fragmentação da antiga sociedade. Mas, além de isolado, Eichmann era solitário, isto é, estava abandonado por toda companhia humana. Pois o governo totalitário cuidou de romper os laços que ainda poderiam restar entre os homens.

A esfera privada poderia restar como um espaço de relações para Eichmann. Mas ele estava disposto a sacrificar até os próprios parentes, caso recebesse ordens para isso. De fato, os governos totalitários não deixaram incólumes nem as relações privadas. Expandindo sua dominação total para todas as áreas da vida, criaram mecanismos para romper estes laços de cumplicidade<sup>5</sup>, que representavam um obstáculo à lealdade total dos membros de seu governo.

Ainda assim, um homem isolado poderia desfrutar do contato com outros homens através de seu trabalho e do mundo como obra humana. Contudo, no caso de Eichmann, isto também não era possível. Pois o produto de seu trabalho era a destruição de outros homens e, como tal, não poderia permanecer além de sua execução. Além disso, os valores que ditavam sua carreira eram baseados no mundo do labor, buscando garantir sua sobrevivência física – ao menos até o fim desta própria carreira.

4 “A verdade é que as massas surgiram dos fragmentos da sociedade atomizada, cuja estrutura competitiva e concomitante solidão do indivíduo eram controladas apenas quando se pertencia a uma classe. A principal característica do homem da massa não é a brutalidade nem a rudeza, mas seu isolamento e sua falta de relações sociais normais” (ARENDR, 1989, p. 367).

5 Um exemplo importante foi a “culpa por associação”, criada no regime soviético (ARENDR, 1989, p. 372-373).

E já que sua atividade tinha por fim garantir que suas necessidades particulares fossem supridas, elas não interessavam a mais ninguém, a não ser a ele mesmo.

Por fim, um homem isolado ainda pode desfrutar de sua própria companhia. Estando só, ele pode “falar consigo mesmo”. É isto o que de fato significa “pensar”: o diálogo entre “eu” e “eu mesmo” (ARENDE, 1989, p. 529). Este diálogo dois-em-um não perde o contato com o mundo dos seus semelhantes, pois eles estão representados no seu “eu”, com o qual estabelece a interlocução de pensamentos. Porém, nem isto restou a Eichmann. Primeiro porque, em um mundo de pessoas atomizadas e sem relações, a voz de seus semelhantes não era falada. Segundo porque, quando falada, o que se escutava era a voz de um outro homem da massa, que compartilhava uma opinião em tudo semelhante à dele, ou melhor, à opinião oficial. Portanto, não se configurava a alteridade. Quer dizer, a única alteridade que se configurava, a de Hitler, era idêntica à dele e, deste modo, já não era uma alteridade, mas uma identidade. Com isto, o próprio “eu mesmo” de Eichmann, que só podia se revelar e ser confirmado na relação com e na presença de outros, se perdeu.

Deste modo, além de isolado, Eichmann era completamente solitário. Pode-se compreender agora porque Hannah Arendt considerou que a “falha mais específica, e também mais decisiva, no caráter de Eichmann era sua quase total incapacidade de olhar qualquer coisa do ponto de vista do outro” (ARENDE, 1999, p. 60). Essa sua incapacidade deu ocasião a uma série de episódios que seriam engraçados, se não fossem trágicos. Mas o mais importante é que este seu traço foi responsável também por sua incapacidade de pensar, “ou seja, de pensar do ponto de vista de outra pessoa” (ARENDE, 1999, p. 62). E, não pensando, suas palavras só poderiam ser “vazias”.

#### “UM HOMEM DE IDÉIAS MUITO POSITIVAS”

Eichmann era incapaz de pronunciar uma única frase que não fosse um clichê. E quando conseguia fazer uma frase própria, ele a repetia tanto que acabava por se transformar em um. Era notório que toda vez que precisava retomar um depoimento de algum acontecimento que julgava importante, utilizava-se sempre das mesmas palavras. A verdade era que sua cabeça estava cheia até a borda de frases assim. Mesmo que sua memória fosse demasiado debilitada, ele não esquecia sequer de uma única sílaba desse palavrório vazio. Pois cada um destes clichês haviam lhe dado uma “sensação de ânimo” em algum momento de sua existência ou em alguma de suas atividades. Toda vez que os repetia, reencontrava o “ânimo”, e o oferecia como resposta aos juizes. Estes não podiam deixar de ficar ultrajados,



sobretudo quando o acusado não se dava conta da flagrante incoerência entre chavões utilizados em diferentes fases de sua vida<sup>6</sup>.

Diante do horror inenarrável de seus atos e do inegável absurdo deste homem, os juizes dificilmente conseguiram o levar a sério. Não foi sem motivos que eles se irritaram e disseram que tudo o que havia dito era “conversa vazia” (ARENDR, 1999, p. 61). Mas esta conversa vazia não era de forma nenhuma algum tipo de dissimulação, mas o retrato da total incapacidade de comunicação de Eichmann. Curiosamente, foi exatamente em função desses clichês que os peritos da alma (psiquiatras e o sacerdote) julgaram suas idéias “normais e desejáveis”, e o consideraram “um homem de idéias muito positivas” (ARENDR, 1999, p. 61). Pois não há dúvidas de que eram frases pré-fabricadas, sem nenhum conteúdo. E que, exatamente por isso, estavam na boca de qualquer outro homem “normal”.

No fundo, o que estas palavras vazias, e por vezes contraditórias, atestavam, era a perda da capacidade de fala de Eichmann. “Não era possível nenhuma comunicação com ele, não porque mentia, mas porque se cercava do mais confiável de todos os guarda-costas contra as palavras e a presença de outros, e portanto contra a realidade enquanto tal” (ARENDR, 1999, p. 62). Se o terror arruinou todas as relações entre os homens, a ideologia, através das propagandas e dos *slogans* do movimento nazista, destruiu toda relação com a realidade (ARENDR, 1989). A perda de contato com seus semelhantes e com a realidade levou não apenas Eichmann, mas quase todos da Alemanha a um auto-engano e a uma distorção dos fatos. “A sociedade Alemã de 80 milhões de pessoas se protegeu contra a realidade e dos fatos exatamente da mesma maneira, com os mesmos auto-engano, mentira e estupidez que agora se viam impregnados em Eichmann” (ARENDR, 1999, p. 65). Havia uma atmosfera geral de hipocrisia no Terceiro Reich (que se estendeu no pós-guerra), e Eichmann era apenas mais um a utilizar-se deste expediente “moral” para sobreviver. Eichmann tornara-se então um súdito ideal do governo totalitário. Não porque era um nazista convicto. Mas porque, ao perder o contato com os semelhantes e a realidade, perdeu também a capacidade de pensar e sentir. E assim já não era mais afetado nem por argumentos ou quaisquer critérios de pensamento (deixando de distinguir entre o falso e o verdadeiro), nem pelas

6 “Na cabeça dele, não havia contradição entre ‘Vou dançar no meu túmulo, rindo [por ter mandado milhões de judeus para a morte]’, adequado para o fim da guerra, e ‘Posso ser enforcado em público como exemplo para todos os anti-semitas da Terra’, que agora, em circunstâncias muito diferentes, preenchia exatamente a mesma função de lhe dar um empurrão” (ARENDR, 1999, p. 66).

experiências da realidade (deixando de distinguir entre o fato e a ficção)<sup>7</sup>. Já não era capaz de qualquer possibilidade de ação.

## UM HOMEM BEM COMPORTADO

A ação e o discurso (as duas atividades políticas por excelência) são duas capacidades afins. Na antigüidade eram tidas como coevas e coiguais, da mesma categoria e da mesma espécie<sup>8</sup>. São as duas únicas atividades de prerrogativa exclusiva do homem (não pode ser feita nem por deuses nem por animais) e não pode sequer ser imaginada fora de nossa sociedade. A ação se exerce diretamente entre os homens, sem mediação das coisas ou da matéria. Sua condição é a pluralidade destes, pois ainda que sejamos todos os mesmos, ninguém é exatamente igual a qualquer outra pessoa que tenha existido, exista ou venha existir. De modo que, quando os homens se relacionam e tomam por objeto de discussão o mundo comum, nenhum deles se posiciona frente a este mundo da mesma maneira que os demais. E é esta multiplicidade de pontos de vista, ancorada na alteridade (em relação a tudo o que existe) e na distinção (em relação a tudo o que vive) de cada um, que torna possível a ação. Assim, se cada um é diferente de todos os que existiram, existem e existirão, então todo homem traz junto com seu nascimento uma novidade. Sua ação é a confirmação pública (ou seja, vista por todos) desta novidade, onde ele expressa a singularidade de sua perspectiva diante do mundo. A singularidade de um homem, portanto, só pode vir à luz quando ele converte esta sua diferença natural em ação. É só quando age que ele revela *quem* é.

7 “Seria ingênuo pensar que essa obstinada convicção, que sobrevive a todas as experiências reais e anula todo interesse pessoal, seja mera expressão de idealismo ardente. O fanatismo dos movimentos totalitários, ao contrário das demais formas de idealismo, desaparece no momento em que o movimento deixa em apuros seus seguidores fanáticos, matando neles qualquer resto de convicção que possa ter sobrevivido ao colapso do próprio movimento. Mas, dentro da estrutura organizacional do movimento, enquanto ele permanece inteiro, os membros fanatizados são inatingíveis pela experiência e pelo argumento; a identificação com o movimento e o conformismo total parecem ter destruído a própria capacidade de sentir, mesmo que seja algo tão extremo como a tortura ou o medo da morte” (ARENDDT, 1989, p. 357-358).

8 Foi apenas mais tarde, na experiência da polis, que “a ação e o discurso separaram-se e tornaram-se atividades cada vez mais independentes” (ARENDDT, 2001, p. 34-35). Deste modo, daqui em diante, quando se falar em ação, pode ser subentendido que se fala também em discurso, o que parece se confundir por diversas vezes na própria obra de Hannah Arendt.

Na ação e no discurso, os homens mostram quem são, revelam ativamente suas identidades pessoais e singulares, e assim apresentam-se ao mundo humano, enquanto suas identidades físicas são reveladas, sem qualquer atividade própria, na conformação singular do corpo e no som da voz (ARENDDT, 2001, p. 192).

Deste modo, só sabemos *quem* (e não *o que*, questão que se relaciona a suas qualidades) alguém é quando, após cessarem suas ações (ou seja, após a morte), recolhemos sua história individual. Assim sendo, enquanto um homem está vivo, ninguém o conhece completamente. Pois os outros ainda não tem acesso a sua história inteira, já que ele ainda está revelando ativamente sua identidade. E também porque o próprio agente nunca pode conhecer-se, pois revela-se sempre aos outros (o seu *eu é para os outros, para o mundo*), e nunca a si mesmo. Além disso, ele nunca sabe ao certo como agirá diante dos próximos acontecimentos (ainda que possa prever) e nunca terá acesso à história final de sua vida.

Eichmann era incapaz de agir. Ele era isolado, mais do que isso, era solitário. Não se relacionava com seus semelhantes. E, caso se relacionasse, tampouco agiria, já que é pré-condição para a ação a pluralidade dos homens. Esta pluralidade é baseada na singularidade e não na diferença natural de cada um. Porém, numa sociedade de massas, onde todos abriram mão de posicionar-se diante da realidade e incorporaram uma visão única e fictícia ditada pela ideologia totalitária, a pluralidade não existe. O que passa a existir é a multiplicação de seres da mesma espécie, repetições interminavelmente reproduzíveis do mesmo modelo.

Ao invés de agir, Eichmann, como os demais homens de massa, se comporta. Na sociedade moderna, quando a esfera do social (que promove o labor ao âmbito público) toma o lugar da esfera pública, o comportamento substitui a ação. O espaço da individualidade se dava onde os homens agiam uns em relação aos outros para decidir sobre o mundo comum. Mas agora, com o domínio da esfera social, o que entra em discussão já não é mais o mundo, mas a administração dos recursos para garantir a sobrevivência da espécie. Com o predomínio da espécie, a distinção e a diferença ficam relegadas ao âmbito privado, e o espaço público é tomado pelo condicionamento uniforme das massas, que passam suas vidas trabalhando apenas para garantir que suas necessidades vitais sejam supridas.

Criam-se assim normas de conduta, às quais os homens devem se conformar. A questão “quem és?” (ARENDDT, 1989, p. 381), no mundo moderno, é respondida pelo papel social que alguém ocupa, ou seja, sua função. Quem foge a esses padrões, isto é, quem procura agir e, deste modo, impor sua individualidade frente às regras estabelecidas, é considerado “associal” ou “anormal” (ARENDDT, 2001, p. 52). A “normalidade”, portanto, está intimamente ligada ao declínio da esfera pública, à incapacidade da ação e fim da singularidade, à massificação e uniformização dos comportamentos.

O totalitarismo procurou levar este processo a suas últimas conseqüências. Pois, para um regime deste tipo, qualquer iniciativa ou espontaneidade é prejudicial. O nazismo procurou reduzir todos os homens a animais cujo comportamento fosse totalmente previsível. Os campos de concentração foram os grandes laboratórios para esta experiência<sup>9</sup>. Mas ela se fez sentir por toda a sociedade. Nem no espaço privado a expressão das diferenças foram permitidas. Isto só foi possível através do terror, que rompeu todas as relações entre os homens, e da ideologia, que os apartou da realidade. Nenhuma perspectiva diferente foi tolerada e a única forma de se “pensar” era a oficial.

Contudo, no regime totalitário, a resposta à pergunta “quem és?” foge da identificação com a função social e se converte em “és tua vida, és o que fizeste” (ARENDR, 1989, p. 381). Esta artilosa transformação atende não só à revolta da massa de fracassados contra a “boa sociedade”, como também atende aos interesses do próprio regime. Pois é da natureza do movimento imprimir um ativismo pronunciado e, através de sua ideologia, fazia acreditar aos homens submissos que eles estavam fazendo algo grande e heróico, de proporções verdadeiramente históricas. Assim, quanto mais condicionados e submissos às ordens, mais importância ganhavam aos próprios olhos.

Este foi o caso de Eichmann. Como um homem bem comportado, ele não apenas cumpria seus deveres o melhor que podia, como também procurava manter-se coberto de ordens, não gostava de fazer perguntas e sempre solicitava diretivas. Mesmo antes de entrar para o Partido, já tinha provado ser um adesta e quando a Alemanha perdeu a guerra, ficou desesperado porque teria de viver sem ser membro de uma coisa ou outra.

Senti que teria de viver uma vida individual difícil e sem liderança, não receberia diretivas de ninguém, nenhuma ordem, nem comando me seriam mais dados, não haveria mais nenhum regulamento pertinente para consultar – em resumo, havia diante de mim uma vida desconhecida (ARENDR, 1999, p. 43-44).

De fato, apenas três vezes em sua vida agiu de forma espontânea. Duas já foram citadas, e nestes episódios foi levado a tal por sua consciência. Em uma terceira oportunidade, foram as circunstâncias que o conduziram a tomar a iniciativa e criar uma nova saída para a questão judaica, já que neste período

9 Nos campos de concentração, para se eliminar toda e qualquer espontaneidade, a psiquê dos judeus foi completamente destruída. O extermínio começou com sua pessoa jurídica, depois sua pessoa moral, e, por fim, chegou à própria diferença natural, através da tortura e da manipulação de seus corpos. Só então é que eram eliminados fisicamente (ARENDR, 1989, p. 491, 498-506).

as deportações não eram mais possíveis e ele ainda não tinha sido informado da “Solução Final”. Das três soluções que disse ter proposto, nenhuma saiu de sua cabeça. Duas foram outras pessoas que sugeriram e a terceira ele copiou de um livro.

Eichmann era completamente incapaz de agir. Ele converteu-se em um animal cujas atitudes eram totalmente previsíveis. Seu comportamento se reduzia a cumprir ordens. Com isto, não era nada além do que uma engrenagem da grande maquinaria do Terceiro Reich. Havia sido reduzido a uma função e, como tal, era *supérfluo*. Poderia ser substituído a qualquer momento e, se fosse morto, ninguém sentiria sua falta: era um homem solitário. De fato, ele sequer existia, pois sua realidade só poderia ser confirmada pelos seus semelhantes. Porém, como não se relacionava com eles, e como o que fazia só tinha importância para os “outros”<sup>10</sup> na medida em que os destruía, pois, de resto, não lhes importava em nada, Eichmann não tinha seu lugar reconhecido e garantido no mundo, nem pertencia mais a ele.

No julgamento de Jerusalém, quando teve de se defrontar verdadeiramente com a pergunta “Quem é você?”, Eichmann encontrou-se em dificuldades. Pois, como praticamente nunca agira em toda sua vida, foi obrigado a mentir. Caso contrário, teria de admitir que era apenas uma função, uma simples peça de engrenagem de uma maquinaria assassina.

#### UM HOMEM PRETENSIOSO E DE MEMÓRIA CURTA

Eichmann sempre procurou esconder suas dificuldades e limitações durante toda vida. Mais do que isso, contava inúmeras mentiras (dizia-se engenheiro, conhecedor de iídiche e hebraico, etc.) e reivindicava a autoria de idéias e atitudes que nunca tinham provindo de sua cabeça oca. Era pura bazófia quando dizia ser responsável pela morte de 5 milhões de judeus, quando pretendia ter inventado o sistema de guetos ou ter concebido a idéia de mandar todos os judeus europeus para Madagascar. Ele tinha uma compulsão por contar vantagens. E foi justamente por falar demais que acabou preso. O caso é que Eichmann precisou se vangloriar justamente porque não tinha nada que considerasse digno de ser feito. Por outro lado, não suportava o anonimato, ainda mais quando o pós-guerra atribuíra tanta “fama” inesperada a ele. Deste modo, a pretensão tornou-se um dos seus vícios capitais. Mas vangloriar-se é um

10 Estes “outros” na realidade já há muito tempo tinham deixado de ser outros, já que, como já foi dito anteriormente, antes do extermínio físico dos judeus, os nazistas acabavam com sua pessoa jurídica, moral e individual.

vício comum, e até nisto Eichmann seria normal, não fosse pelos horrores com os quais suas histórias lidavam.

Mas não foram suas mentiras que puderam esconder *quem* era Eichmann. Se a atividade humana que mais contribui para a revelação de *quem* somos é o discurso, pois é através da palavra falada que “o autor se identifica, anuncia o que fez, faz e pretende fazer” (ARENDDT, 2001, p. 191), então esta questão complicava-se. Não apenas porque Eichmann era incapaz de se comunicar. Mas porque, como nada tinha feito, sua memória era bastante pobre. Ela se limitava às frases de ânimo de cada momento de sua vida e aos episódios decisivos de sua carreira. De modo que resultava bem pouco confiável a respeito do que realmente aconteceu, inclusive dos momentos importantes da história do extermínio judeu, ou ainda, da própria história de seu tempo. Apenas quando coincidiam os episódios de sua carreira com os da história é que possuía alguma clareza.

Talvez o exemplo mais apropriado e também mais tenebroso desta qualidade de Eichmann seja a história de sua morte. Mesmo em suas últimas palavras, ele não deixou de cair em contradição ao pronunciar clichês que lhe proporcionavam ânimo, esquecendo que se tratava de seu próprio fim (ARENDDT, 1999).

Eichmann não podia se revelar, pois não tinha o que revelar. Como nada tinha feito, não tinha história, não tinha memória. Quem era Eichmann? Ninguém singular, apenas um homem “normal” das massas.

## O PERIGO DA “NORMALIDADE”

Ser um homem “normal”. Foi exatamente isto que separou Eichmann das demais biografias contidas em *Homens em tempos sombrios*. Como quase todos nós, Eichmann tinha consciência, era um bom cidadão, cumpridor de seus deveres. Tinha seus defeitos, era isolado e, também, solitário. Mas não era de forma nenhuma um homem de personalidade criminoso ou um monstro. Pelo contrário. Era, antes de tudo, um homem bem comportado. E foi por isso que, ao entrar em uma maquinaria estatal assassina, transformou-se em um criminoso.

Este já não era o caso de Lessing, Jaspers, Brecht e outros. Eles eram exceções. E o eram exatamente porque não eram bem comportados. Ou seja, suas atitudes não se reduziavam às normas de conduta estabelecidas. Eles ainda eram capazes de ações e discursos. Mesmo quando a catástrofe que se abatia sobre as pessoas não era absolutamente visível, e o espaço público, que deveria iluminar os problemas humanos, “ofuscava tudo”, pois seus representantes oficiais encobriam a realidade através de “fossos de

credibilidade” e “governos invisíveis”, mesmo nesses tempos sombrios estes homens tiveram a ousadia de jogar uma luz no mundo (ARENDR, 1987, p. 8-9).

Foram estes motivos que fizeram com que Hannah Arendt julgasse-os dignos de terem suas histórias preservadas e difundidas entre os seus leitores. Eram realmente homens singulares. Houve também outros tantos contemporâneos de Eichmann que, embora menos educados e famosos que os biografados por Hannah Arendt, foram capazes de ações igualmente importantes, mesmo que suas vozes não tenham sido escutadas. Para quem possa considerar tais iniciativas inúteis, é preciso lembrar que, na Dinamarca, os comandos nazistas se negaram a massacrar massas inocentes. E isto ocorreu porque os soldados e policiais foram influenciados pela resistência política aberta desta população, que se recusava a entregar qualquer ser humano ao extermínio, exatamente porque eram homens cujos direitos deveriam ser respeitados. De fato, onde houve resistência declarada e baseada em princípios, os nazistas não foram capazes de perpetrar seus crimes. Eles deixavam de ver o massacre dos povos com naturalidade e o mito da “dureza impiedosa” revelava-se um auto-engano.

O conformismo e a aquiescência de Eichmann só podem ser explicados pela incapacidade de ação – não apenas a sua, mas a de todos os que o cercavam. Imerso na massa, nada podia iluminar seu mundo, ninguém podia “despertar-lhe a consciência”. Eram todos bem comportados demais para isso. Eram todos iguais, uniformes. E Eichmann era apenas mais uma cópia entre tantos outros.

É justamente daí que advém o perigo da “normalidade”: ela impede a ação. Com isto ela ameaça a própria humanidade, na medida em que a ação e o discurso são as únicas atividades exclusivamente humanas. A humanidade transforma-se em uma espécie animal, condicionada e previsível – o “cão de Pavlov”, para utilizar a expressão de Arendt (1989, p.507). A normalidade reduz a pluralidade à repetição, recolhe as diferenças ao âmbito privado. Ela transforma todos em Um, uniformiza. Deixando de haver pluralidade, os homens se isolam, pois não há possibilidade de ação quando todos pensam e agem do mesmo modo. O isolamento e a atomização dos indivíduos são a condição da qual o totalitarismo depende e deriva sua existência. A partir deles, o mundo comum perde sua realidade (pois esta é constituída pela multiplicidade de perspectivas diferentes sobre o mesmo objeto) e torna-se uma ficção. Além disso, os homens transformam-se em meras funções, e a individualidade torna-se supérflua.

A lição que Arendt (1999, p. 311) tira do caso Eichmann é que “essa distância da realidade e esse desapego [que advém da superfluidade] podem gerar mais devastação do que todos os maus instintos juntos – talvez inerentes ao homem”. Mas uma outra lição, igualmente válida, é a que procuramos demonstrar nestas páginas. Como a própria Arendt (1989, 487-488) disse em outra ocasião: “Não sabemos quantas pessoas normais, ao nosso redor, estariam dispostas a aceitar o modo totalitário de vida” (e, acrescentamos, seus crimes e o preço de uma vida curta). E isto precisamente porque eram *normais*.

## REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

\_\_\_\_\_. **Eichmann em Jerusalém**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.